

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
MARCELA BALIEIRO CARVALHO**

**UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE AS TRADIÇÕES CULTURAIS E
LINGUÍSTICAS DOS POVOS DE ETNIA KAIXANA EM TEFÉ-AM**

TEFÉ-AM

2022

MARCELA BALIEIRO CARVALHO

**UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE AS TRADIÇÕES CULTURAIS E
LINGUÍSTICAS DOS POVOS DE ETNIA KAIXANA EM TEFÉ-AM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Letras, no Centro de Estudos
Superiores de Tefé, da Universidade do Estado
do Amazonas, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Rosineide Rodrigues Monteiro

TEFÉ-AM

2022

MARCELA BALIEIRO CARVALHO

**UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE AS TRADIÇÕES CULTURAIS E
LINGUÍSTICAS DOS POVOS DE ETNIA KAIXANA EM TEFÉ-AM**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, no Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST como requisito final para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Esp. Rosineide Rodrigues Monteiro (Orientadora) – CEST-UEA

Prof^ª. M^a. Ana de Nazaré Egas Praia (Membro) – CEST- UEA

Prof^ª. M^a. Raiziana Mary de Oliveira Zurra (Membro) – CEST-UEA

Nota: _____

Tefé, 18 de outubro de 2022.

UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE AS TRADIÇÕES CULTURAIS E LINGUÍSTICAS DOS POVOS DE ETNIA KAIXANA EM TEFÉ-AM

Marcela Balieiro Carvalho¹-UEA
Rosineide Rodrigues Monteiro²-UEA

RESUMO

O artigo é o resultado da pesquisa Um estudo etnográfico sobre as tradições culturais e linguísticas dos povos kaixana em Tefé-AM. Com isso, pretendemos investigar os motivos que levaram esse povo a perder sua identidade linguística, por meio de abordagem etnográfica, visto que a língua materna não é tão falada por eles. A língua Nheengatu foi substituída pela língua geral imposta pelos missionários ao ter contato com a população nativa. Na elaboração deste artigo, fez-se o levantamento de cunho bibliográfico em fontes como Luciano (2006), Kruppa (1994), Terra (2019), Patriota (2009) e Laraia (2015). Já a metodologia fundamentou-se em Lakatos e Marconi (2017), Prodanov (2013), Oliveira (2009), Cervo e Bervian (2007) para embasamento da pesquisa de campo, pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica e técnicas como o questionário, observação participante e análise documental. O público alvo foi constituído por 01 pajé, 04 mães, 04 pais e 05 alunos indígenas. Já a amostra foi representada por todos os participantes nativos do 6º ano de turma única do Ensino Fundamental e familiares residentes na comunidade que responderam o questionário. Os resultados indicam que os Kaixanas falam atualmente a língua Kaixana, entre si, mas ao ter contato com outras pessoas, utilizam-se da língua portuguesa. Na escola, a educação está sendo específica, intercultural e bilíngue para a manutenção do léxico. Desse modo, ressaltamos a necessidade de preservação das tradições culturais e linguísticas através da sabedoria dos pajés e ensinamento das famílias e professores bilíngues que serão os agentes da difusão da riqueza cultural de seu próprio povo.

Palavras-chave: Estudo Etnográfico. Etnia. Kaixana.

¹ Graduanda em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas-CEST/UEA. E-mail: marcelabalieiro85323@gmail.com

² Orientadora e Professora Especialista da Universidade do Estado do Amazonas-CEST/UEA. E-mail: rmonteiro@uea.edu.br

ABSTRACT

The article is the result of the research An ethnographic study on the cultural and linguistic traditions of the Kaixana peoples in Tefé-AM. With this, we intend to investigate the reasons that led these people to lose their linguistic identity, through an ethnographic approach, since their mother tongue is not spoken so much by them. The Nheengatu language was replaced by the general language imposed by the missionaries when having contact with the native population. In preparing this article, a bibliographic survey was carried out in sources such as Luciano (2006), Kruppa (1994), Terra (2019), Patriota (2009) and Laraia (2015). The methodology was based on Lakatos and Marconi (2017), Prodanov (2013), Oliveira (2009), Cervo and Bervian (2007) to support the field research, qualitative research with an ethnographic approach and techniques such as the questionnaire, participant observation and document analysis. The target audience consisted of 01 shaman, 04 mothers, 04 fathers and 05 indigenous students. The sample was represented by all native participants of the 6th year of a single class of Elementary School and family members residing in the community who answered the questionnaire. The results indicate that the Kaixanas currently speak the Kaixana language among themselves, but when they have contact with other people, they use the Portuguese language. At school, education is being specific, intercultural and bilingual to maintain the lexicon. In this way, we emphasize the need to preserve cultural and linguistic traditions through the wisdom of the shamans and teaching the families and bilingual teachers who will be the agents of spreading the cultural wealth of their own people.

Keywords: Ethnographic Study. Ethnicity. Kaixana.

1 INTRODUÇÃO

O artigo intitulado “Um estudo etnográfico sobre as tradições culturais e linguísticas dos povos de etnia kaixana em Tefé-AM” faz uma abordagem alusiva aos motivos que levaram o povo Kaixana a perder sua identidade linguística, ressaltando também as tradições, língua, modo de vida, crenças, religião, alimentação, pesca, caça, moradia, vestimenta, plantas medicinais, artesanato, dança, técnicas de se trabalhar a terra e educação.

O povo kaixana vive na região Amazônica dos municípios São Paulo de Olivença, Tonantins, Jutaí, Japurá e Tefé. Ao abordarmos sobre tal temática, é importante lembrar que, de modo geral, os indígenas sempre lutaram por manter viva sua língua materna e tradição que, aos poucos vai perdendo a essência para a manutenção da cultura.

Ao vivenciar o dia a dia da etnia Kaixana, como parte integrante desse povo, notamos que, a tradições linguísticas estão sendo pouco preservadas, pois os usuários não se utilizam tanto língua Kaixana e sim da língua geral, entendida como uma variação regional do Tupi-Guarani imposta pelos missionários ao ter contato com a população nativa.

Após constatação do problema da pesquisa foi feito o levantamento bibliográfico que fundamenta o trabalho de campo, o método etnográfico e a observação. Através de tal método fomos guiados na realização de um estudo acerca das particularidades e modo de vida desses povos indígenas, por meio de observação *in loco* no trabalho de campo. Desse modo, o presente estudo buscará investigá-las.

Tendo por base o problema investigativo, este trabalho buscou responder o problema da pesquisa que teve como objetivo geral: investigar os motivos que levaram o povo Kaixana a perder sua identidade linguística, por meio de abordagem etnográfica.

Elaboramos os objetivos específicos visando guiar toda a pesquisa, a saber: Detectar quais foram os motivos de o povo kaixana ter perdido sua identidade linguística; Identificar as tradições culturais do povo kaixana; Averiguar se a educação indígena está sendo específica, intercultural e bilíngue no ambiente educacional; Pesquisar *in loco* o léxico da etnia Kaixana.

Também escolhemos o tema como uma forma de manter vivo o legado deste povo. Isso inclui a divulgação, manutenção e preservação das tradições culturais e língua materna dos povos de etnia kaixana residentes na Estrada da Emade – Km13 localizada em Tefé estado do Amazonas. As observações realizadas nas aulas de Estágio I trouxe à tona a vontade de conhecer mais a respeito da cultura deste povo, e principalmente, deixar registrado todas as informações coletadas na pesquisa de campo, sobre tradições culturais e linguísticas para que elas sejam preservadas.

A educação da etnia Kaixana da Escola M. R. Indígena Prof. João Hamilton da TI Projeto Mapi localizada no município de Tefé-Amazonas enfrenta vários desafios em sala de aula para a implantação e implementação do saber direcionado aos comunitários e alunos na escola de ensino fundamental. Nesta abordagem, enfatizamos que a educação indígena é carente de profissionais formados para atuarem neste campo, bem como de materiais como livros didáticos de acordo com a realidade dos alunos.

O levantamento bibliográfico foi baseado em livros, dicionários, artigos científicos publicados e outros materiais disponibilizados na *internet*, em aquiescência com Luciano (2006), Kruppa (1994), Terra (2019), Patriota (2009), Laraia (2015), dentre outros. Já a metodologia fundamentou-se em Lakatos e Marconi(2017), Prodanov (2013), Oliveira (2009,

p. 37), Cervo e Bervian (2007). Todo material publicado fortalece e embasa a pesquisa de campo realizada através de observação participante e abordagem etnográfica.

Os resultados indicam que os povos kaixanas ainda mantêm suas tradições vivas, porém perderam sua identidade linguística para a Língua Geral imposta pelos missionários ao manter contato com eles.

1. O POVO KAIXANA PERDEU SUA IDENTIDADE LINGUÍSTICA PARA A LÍNGUA GERAL

Os povos Kaixana estão localizados nas comunidades indígenas Projeto Mapi e Projeto Mapi do Pavão, ou seja, residem em zona rural do município de Tefé – Amazonas vivendo em áreas que ainda estão passando pelo processo de demarcação. Eles estão distribuídos em três Terras Indígenas: uma localizada no médio curso do rio Japurá no município homônimo, outra situada em ambas margens do rio Solimões no município de Tonantins e a última no médio Solimões, no município de Tefé.

Na primeira, chamada Mapari, a população está distribuída em duas comunidades: Caixana de Japurá, que se encontra localizada ao lado esquerdo do lago Mapari e contava em 1997 com uma população de 80 índios; e a comunidade de Mapari, situada à margem direita do lago Mapari onde viviam 13 pessoas.

Há também algumas famílias kaixanas vivendo na Terra Indígena Barreira da Missão, localizada acerca de meia hora de viagem por via fluvial da cidade de Tefé como as populações Kokama, Ticuna e Kambeba, que estão distribuídas em 7 aldeias. A população total foi estimada em 987 habitantes no ano de 2009 (Funasa). [Trecho editado a partir do texto “Sonho ou pesadelo no coração da Amazônia”, consultado no site do CMI Brasil dia 22 de setembro de 2009].

Assim sendo, ressaltamos que no Mapa histórico de Curt Nimuendaju, devido à imposição missionária, esses índios passaram a utilizar também a língua geral, entendida aqui como uma variação regional do Tupi-Guarani. É importante ressaltar que “uma sociedade em mudança não significa, necessariamente, uma sociedade que busca ou pretende abandonar seus valores ou sua herança cultural e linguística” (D’ANGELIS, 1997, p. 132). A completa extinção da língua nativa dos Kaixana se deu ao longo do século XIX, sendo falada, no início do século XX, somente a língua geral. Mais recentemente, passaram a utilizar o português, acabando por abandonar aquela.

Sobre as línguas indígenas, o autor declara que “as línguas indígenas, importantes no primeiro momento da evangelização-para-colonização, deveriam servir apenas como meio para a dominação e deveriam, posteriormente, serem substituídas pela língua portuguesa” (NASCIMENTO, 2012, p. 69). Nesse período, o uso da língua nativa foi proibido, tornando o português obrigatório em toda a colônia, o que por sua vez, fez com que os índios se adaptassem à colonização e deixassem a sua identidade linguística em segundo plano.

2 EDUCAÇÃO BILÍNGUE E LÉXICO DOS POVOS KAIXANA

A educação é um processo permeado por conhecimentos adquiridos em instituições formais e informais, iniciando-se desde a infância e seguindo por toda a vida dos cidadãos, como enfatiza-se que “o processo educativo que procura tornar o indivíduo um membro da sociedade é chamado de *socialização*” (KRUPPA, 1994, p. 23). O processo de socialização e a educação dependem da capacidade dos homens em influenciarem uns no comportamento dos outros, para interagirem no meio social, aprendendo e ensinando através do trabalho educativo, o que torna possível a educação.

Mesmo após a aprovação da Constituição Federal de 1988, que garantiu a presença da Língua indígena nas escolas por meio de processos próprios de aprendizagem, a política educacional envolvendo os povos indígenas se limita a mencionar o direito à alfabetização em língua indígena, mas esta deveria respeitar os processos socioeducativos de cada povo, visto que o ensino deve ser bilíngue (BRASIL, 1988).

De acordo com Luciano (2006, p. 148), ele salienta que a “educação escolar oferecida aos povos indígenas durante séculos sempre teve como objetivo a interação do índio com a sociedade nacional”. Foi uma educação sem respeito às diferenças culturais, à linguagem, mas apenas voltada para os interesses dos não índios, os quais ensinavam aqueles a conviverem e a se relacionarem com este, de acordo com seus padrões sociais.

Não há, no entanto, necessariamente, uma correlação direta entre cultura, língua e genes. Por um lado, existem grupos humanos que são uma unidade cultural, uma unidade linguística e uma população biológica (WHITE, 1997). Já na Amazônia Noroeste, temos a exogamia linguística em um ambiente multilíngue (SORENSEN, 1967), pois ali, uma pessoa pode ter avós que falam quatro línguas diferentes, que são mantidas distintas, sem mistura (MOORE; STORTO, 2002). Percebemos que existe a necessidade de os povos indígenas

conquistarem uma escola voltada para suas especificidades, capaz de satisfazer seus anseios, quer seja comunitária ou intercultural.

Ao refletirmos sobre a educação escolar indígena, segundo Luciano (2006, p. 148), durante muitos séculos, foi “uma educação escolar que sempre teve como objetivo a integração do índio a sociedade nacional, sem respeito às diferenças culturais e as linguísticas”. Neste sentido, salientamos que o professor da escola exerce um papel de muita importância ao difundir a língua indígena e tentar manter viva a educação da etnia Kaixana para a manutenção de sua identidade.

Assim sendo, o professor exerce uma função primordial em sala de aula, que é a transmissão de conhecimento aos alunos, nessa perspectiva, o autor destaca que [...] é importante que o professor consiga transitar entre a pedagogia da Educação Escolar Indígena e a pedagogia da educação indígena (GODOY, 2011, p. 21). Dessa forma, é perceptível como os professores podem fazer conexões entre a sala de aula e a educação indígena, se a escola é concreta, ela consegue aproximar os alunos de sua própria comunidade.

De acordo com Kruppa (1994, p. 32), “para compreender a escola e seu resultado é preciso recorrer ao sentido amplo da palavra *cultura*, isto é, o conjunto de costumes, dos modos de viver, de vestir, de morar [...]”. A cultura reflete o modo de vida de um povo desde as mais básicas formas como as maneiras de pensar, as expressões de linguagem, os valores de um povo ou diferentes grupos sociais.

O processo escolar envolve a educação formal. No caso do indígena, essa educação é respectiva ao ensino bilíngue que deve fazer parte das escolas para que este povo possa interagir em suas relações sociais sem dificuldades na compreensão do idioma. Para Terra (2019, p. 171), “o homem é um ser social e interage por meio da linguagem. Falar, ouvir, ler escrever são habilidades que permitem a socialização por meio da língua”. Tais habilidades de leitura e escrita, são fundamentais na vida de todos os cidadãos no contexto social, visto que escreve-se para ser lido e só se lê algo que foi escrito antecipadamente.

Os Kaixanas residentes na Estrada da Emade km 13 possuem professor bilíngue que se utiliza da língua Nheengatu para manter viva sua tradição linguística seja cantando a música da dança kaixana, seja cantando o Hino Nacional Brasileiro durante os eventos realizados na comunidade.

Além disso, é fundamental destacar que essa educação é respaldada nas bases legais que constituem a educação escolar indígena perpassada pela Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, resolução de 1999 e o Decreto Presidencial

de 2004. A partir da LDB de 1996, o caráter da educação indígena foi mudado, visando estimular uma educação intercultural para que todos tenham acesso.

Assim, o conhecimento linguístico pressupõe um domínio da gramática e do léxico da língua. Segundo Terra (2019, p.174), “o léxico é um conjunto aberto. Novas palavras surgem, como *viralizar*, *cibecrime*, *tecnobrega*, *bafômetro* e *fumódromos*; outras vão desaparecendo, como *vitrola*, *fonógrafo*, *telex*, *chofer*”. Na verdade, nenhum falante tem o domínio completo do léxico da língua, mas ele pode ter conhecimento de uma parte das palavras que formam o léxico que vai constituir nosso vocabulário.

No caso da etnia Kaixana, eles ainda lembram do léxico passivo presente em suas memórias, e quando precisam se comunicar entre si, fazem uso de algumas destas palavras, pois apesar de falarem a língua geral, ainda mantém um pouco de sua cultura linguística Nheengatu³ falando as palavras em seu dia a dia como as que vê-se na sequência, no quadro abaixo:

Léxico em Nheengatu	Significado do léxico em Português	Léxico em Nheengatu	Significado do léxico em Português
Apuna	Forno	Iapoquitaua	Remo
Urupema	Peneira	Meapé	Bolo, bolacha
Tapixaba	Vassoura	Bacoba	Banana
Baqui	Passarinho	Garra	Canoa
Pirá	Peixe	Sapucaia	Galinha
Kicê	Faca	Auy	Farinha
Itaqui	Esmeril	Puxiuea	Feio, mau
Tapira	Anta		
Puku	Comprido		

Fonte: Dados da pesquisadora (2022)

O léxico passivo está guardado na memória do falante, por exemplo, “na fala, em geral, nos valemos de nosso vocabulário ativo; na escrita, o vocabulário passivo é ativado com frequência, seja quando escrevemos, seja quando lemos (TERRA, 2019, p. 175). As palavras ficam guardadas na memória de cada pessoa e, no momentos em que ela precisa falar

³ A língua nheengatu (nheengatu: [ɲe.ʔẽ.ga.'tu], português: [ɲe.ẽ.ga.'tu]), também conhecido como língua geral, língua geral amazônica ou tupi moderno, é uma língua indígena pertencente à família tupi-guarani, sendo então derivada do tronco tupi. Esse idioma tem origem na língua geral setentrional veiculada no Estado do Grão-Pará e Maranhão, que por sua vez proveio do tupi antigo. Site: Língua nheengatu – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso: 31/07/2022.

ou escrever, o vocabulário ativo e passivo são ativados no processo de interação social ao usar a língua.

De acordo com Patriota (2009, p.22) a língua é:

Um termo que remete a um lugar de interação, e sala de aula, a um grande cenário onde seus principais protagonistas – professor e aluno – estão em constante troca, construindo identidades, representando papéis, negociando sentidos, tendo a língua como símbolo de toda essa efervescência, logo, entendida como usos e não apenas como um registro padrão.

Ao fazer uso de qualquer língua em que uma ou mais pessoas conheçam, principalmente, na sala de aula, professores e alunos mantêm troca de saberes e constroem identidades através deste código linguístico.

Embora o português tenha sido imposto no Brasil pelos portugueses, segundo Patriota (2009, p. 27), “o português herdado da tradição histórica confere ao usuário da língua status de prestígio, tendo se transformado em um valor cultural com raízes profundas na sociedade”. Isto significa que a língua de um povo simboliza prestígio social àquela sociedade falante de tal língua.

Afinal, a língua por ser “um instrumento de poder, por excelência, um de seus usos foi instituído como modelo, o que garante a aceitação e prestígio na sociedade, desprezando-se as demais manifestações dessa língua” (PATRIOTA, 2009, p. 30). Nesta abordagem, a língua é utilizada pelos falantes quando é instituída e aceita como um modelo a ser seguido no contexto social e, no caso de haver uma outra língua que é pouco utilizada, é óbvio que ficará esquecida como, no caso da língua dos povos Kaixana, que foi esquecida por ser imposta uma nova língua para eles, no caso, a língua geral.

De acordo com o autor, “cada língua natural é um micro-cosmo do macro-cosmo que é o total da cultura dessa sociedade” (LOPES, 2008, p. 21). Ou seja, considerando a cultura, uma língua é o seu resultado em que se mostra o mecanismo para ela operar, bem como a condição para a subsistência dela.

De acordo com Moseley (2010, p. 174-175), “o nheengatu está, de acordo com a Unesco, severamente ameaçado”. Logo, para que isso não aconteça é necessário respeito para com esta etnia visando à preservação de sua identidade.

Desse modo, a etnia Kaixana tenta preservar sua cultura linguística que, com o passar dos anos, vai perdendo força, mas ainda resta uma esperança para eles na manutenção de suas tradições, que é estudar com o professor bilíngue na escola pública e continuar preservando a cultura linguística Nheengatu.

3 UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE AS TRADIÇÕES CULTURAIS DOS POVOS KAIXANA DA ESTRADA DA EMADE EM TEFÉ-AM

O estudo etnográfico é realizado através de pesquisa na área de etnografia cujo pesquisador faz parte desse contexto na busca de informações precisas. Neste aspecto, a pesquisadora participante reside na própria comunidade, por esse motivo permanece em tempo integral in loco colhendo muitos detalhes enriquecedores acerca das tradições, crenças, religião, alimentação, pesca, caça, moradia, vestimenta, plantas medicinais, artesanato, dança, técnicas de se trabalhar a terra e educação.

Através de análise em documentos que obtivemos, ressaltamos que a cultura vem no sangue do povo Kaixana de geração em geração. O modo de vida deste povo é bem diversificado, mas não é diferente dos demais. Eles possuem suas crenças baseadas em um deus Tupã e a religião católica é a predominante. Entendemos que “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação [...]” (LARAIA, 2015, p. 20). Essa educação diferenciada é obtida através da cultura que é desenvolvida pelas pessoas de uma comunidade.

É fundamental destacarmos que os antecedentes históricos do conceito de cultura estão relacionados ao:

Final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilisation* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2015, p. 25-26).

Compreendemos que esta definição de Tylor abarcava todas as possibilidades de realização humana, e marcava profundamente o caráter de aprendizado da cultura em aversão à ideia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. Ou seja, a cultura em sentido etnográfico inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outro hábito adquirido pelo homem na sociedade.

No quesito alimentação, pesca, caça e técnicas de se trabalhar a terra, eles plantam roças e fazem o tradicional (ajuri), e a coletas de frutos como açaí e buriti. Também juntam castanha, pequiá, bacaba e outros frutos comestíveis na mata. Há outra tradição chamada de Garimã (bolo feito de mandioca e macaxeira), que é o famoso pé de moleque, vendido na

feira da cidade de Tefé todas as semanas pelos moradores da comunidade Indígena Mapi, não só o Arim (pupunha), mais também, farinha, açaí e etc.

A caça e pesca nos igarapés do Pavão e Mirini ficou mais escassa devido ao desmatamento ao redor da terra Mapi, com isso, os animais foram desaparecendo. Para esse povo, isto foi um ponto ruim, na fauna interna, já não se vê mais animais como macacos, caititus, veados, mutum, anta, paca e outros.

A moradia deste povo é caracterizada como uma casa em que habitam os familiares. Geralmente, são feitas de madeira, cobertas com telhas de zinco ou telha de barro, ou mesmo, em determinados casos, de alvenaria. Atualmente, eles não moram em malocas, mas ainda cultuam muitos de seus costumes.

Em relação à vestimenta, eles não se vestem com indumentárias características da etnia, no cotidiano, com exceção dos momentos em que estão a comemorar algum feito ou alguma data.

Para curar as doenças eles ainda se utilizam de plantas medicinais, pois a fé faz com que haja cura, todavia, em muitos casos, eles têm assistência médica em Casas de Saúde localizadas na zona rural e em hospitais da zona urbana de Tefé-AM. De acordo com Laraia (2015), por meio da cultura, é possível curar doenças, reais ou imaginárias.

O artesanato é um meio de mostrar a cultura baseada em paneiro, vassoura, cocá, colher de pau, remo, pilão, abano, colar, pulseira e as vestes tradicionais (saias e soutiens), arco e flecha. Como é possível notar, eles tentam preservar a cultura por meio do trabalho realizado em grupo na aldeia.

A dança tradicional faz parte da arte e cultura da etnia Kaixana. A cada detalhe mostra a essência que vem de geração em geração, como a luta pela liberdade, pelo direito dentro da sociedade do branco, pela educação, pelo respeito e direito a uma democracia ética e pela demarcação da terra. Todas as lutas enfrentadas mostram a resistência do povo Kaixana na região do médio Solimões e na região do município de Tefé.

Os trajes da dança são retirados das árvores das cascas do tauari, frutos como seringas, penas de arara e de outros pássaros, e também pena de galinha, folha de castanheira, tento (semente), caroço de açaí e bambu que são construídos pelos moradores para embelezar a dança Kaixana. Logo, a cultura é como mãe terra, ela é vida, é música, é ensinamento dos mais velho dentro da aldeia, assim como a língua e tudo que envolver este povo.

O crescimento da Língua Geral do povo Kaixana ocorre através da educação diferenciada que é ofertada pelo professor bilíngue dentro da aldeia Projeto Mapí. Por meio de relato do tuxaua Orlanio, filho do tuxaua Paulo da Silva Carvalho, ele afirma que a sabedoria

tradicional não morre, por que eles devem estar perto do tuiué (velho) na roda da comida, e perguntar como se chama os nomes do objetos na língua, animais, estrela, sol e outras coisas. Através da linguagem, eles sabem o porquê de os antepassados serem mortos, perseguidos e fugitivos para a mata virgem, outros se foram para outras comunidades ribeirinhas do rio Solimões.

Ele diz ainda que a biblioteca deles são os anciãos, que trazem para a comunidade muito frutos de conhecimento, e levam a cultura e a língua viva, pelo próprio povo Kaixana. E, esse número tem mais a crescer, visto que pessoas que falam o dialeto Nheengatu (a Língua Geral) já conhecem objetos, escrevem e já sabem o nome de animais.

Assim sendo, com uma educação diferenciada, as lideranças ficarão felizes, principalmente, os mais velhos da aldeia, pois tudo que eles falam, os kurumins entendem e a língua permanece soberana em meio aos povos deste ambiente.

A partir de todo este universo rico em detalhes respectivos à cultura Kaixana, é válido destacar a contribuição de Kroeber (apud LARAIA, 2015, p. 48 – 49) que diz “a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo”. É o homem do passado e o do presente que determina a cultura que irá desenvolver por longos anos para todas as gerações.

A cultura indígena não é mostrada nas escolas como aponta Kruppa (1994, p. 27), “os índios em geral não usam escolas para transmitir entre si sua cultura. A educação, embora distinta entre homens e mulheres, é fruto da relação entre os membros da tribo [...]” (KRUPPA, 1994, p. 27). Logo, nesta sociedade, embora o saber também seja poder, ela não está montada de forma a aprofundar as diferenças sociais nos grupos que interagem trabalhando e adquirindo algum saber.

Como a cultura é dinâmica ressaltamos que todo e qualquer sistema cultural está sempre em constante mudança, por isso é importante compreendê-la para suavizar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Além disso, é importante deixar claro que, sem a difusão da cultura, não seria possível o grande desenvolvimento atual da humanidade.

4 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi guiada pelo levantamento bibliográfico embasado em livros e obras publicadas visando “colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa” (PRODANOV, 2013, p. 54). Ao fazermos o

levantamento bibliográfico, buscamos obter fatos reais em materiais publicados que comprovem sua investigação na pesquisa de campo que foi realizada na Escola M. R. Indígena Prof. João Hamilton e Terra Indígena Projeto Mapi, localizada no município de Tefédo estado do Amazonas, com ênfase na pesquisa sobre a metodologia do professor bilíngueem ministrar a língua materna do povo Kaixana.

A pesquisa de campo é conceituada como “observação de fatos ou fenômenos tal como ocorrem espontaneamente” (LAKATOS, 2017, p. 203). Neste tipo de pesquisa buscamos estudar um determinado local para alcançar tais dados da investigação dos fenômenos reais e o registro de possíveis fatos encontrados no local/comunidade da pesquisa com abordagem etnográfica.

É fundamental destacar que a pesquisa etnográfica é uma pesquisa de campo, na qual o investigador precisa estar imerso no contexto para coletar informações. Segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 114 -115), o método etnográfico é “um conjunto de técnicas utilizadas para a coleta de dados sobre valores, crenças, práticas sociais e religiosas e comportamento de um grupo social [...]”. Esse tipo de estudo não é tão rápido, afinal, exige a necessidade de imersão de pelo menos um ano. Na pesquisa etnográfica, o pesquisador precisa viver como membro da comunidade para coletar informações e isto faz com que essa pesquisa seja diferenciada das demais. A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em particular pelos estudos que se interessam pelas desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sócio-interacionais.

De acordo com Oliveira (2009, p. 37) define a pesquisa qualitativa como “sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Baseado na pesquisa qualitativa, que tem o ambiente natural como fonte direta de coleta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental.

A coleta de dados no campo da pesquisa foi realizada através das seguintes técnicas como: A observação participante que “ocorre quando o observador, deliberadamente, se envolve e deixa-se envolver como objeto da pesquisa, passando a fazer parte dele” (CERVO; BERVIAN, 2007, p. 31). Para aprender sobre aspectos simbólicos, costumes e rituais, o investigador deve fazer parte da comunidade investigada.

De acordo com Oliveira (2009, p. 83), o questionário é considerado “[...] como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador deseja registrar”. Tal instrumento

foi aplicado no 6º ano de turma única do Ensino Fundamental, bem como a outros moradores da comunidade indígena visando colher dados para atender aos objetivos deste estudo.

A pesquisa qualitativa serviu na abordagem do problema, pois, de acordo com Oliveira (2009, p. 37) pesquisa qualitativa é “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Baseado na pesquisa qualitativa tem-se o ambiente natural como fonte direta de coleta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental.

Na pesquisa documental “tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documento legais” (SEVERINO, 2007, p. 122-123). Este documento serve como matéria-prima para o pesquisador desenvolver sua investigação e análise. O trabalho foi realizado na comunidade onde vivem os participantes da população alvo e investigou 01 professor, 01 pajé, 08 pais, 05 alunos totalizando uns 15 nativos. A amostra foi representada por todos os participantes da pesquisa de campo.

Após a análise da pesquisa, foi retirada uma amostra representada por 15 pessoas. Os investigados tiveram seus nomes em total sigilo, considerando que a ética, no campo da pesquisa envolvendo pessoas, deve ser respeitada. Os dados coletados foram analisados de forma crítica e interpretativa confrontando a teoria explorada com os dados coletados no campo investigado mostrando, assim, os resultados da pesquisa.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES REFERENTES À PESQUISA DE CAMPO

Nesta seção, realizamos a análise e discussão dos resultados da pesquisa de campo que foi realizada com os 15 (quinze) investigados, sendo eles 05 alunos, 08 pais, 01 professor e 01 Pajé da aldeia.

Com isso, foi feita a 1ª pergunta aberta aos 15 investigados: Qual é o nome da língua que o povo Kaixana falava antigamente?

De forma unânime, todos responderam que o povo Kaixana falava a língua Tupi-Guarani. Vale ressaltar que “uma sociedade em mudança não significa, necessariamente, uma sociedade que busca ou pretende abandonar seus valores ou sua herança cultural e linguística” (D’ANGELIS, 1997, p. 132). Mesmo com as constantes mudanças sociais, a língua utilizada

pelo povo Kaixana não foi deixada de lado ou esquecida completamente por seu povo, pois, os descendentes mais velhos ainda utilizam a língua Tupi-Guarani.

Em seguida foi perpetrada a 2ª pergunta aberta aos participantes: Qual é o nome de sua língua materna atualmente?

A resposta dos investigados foi unânime “Nheengatu”. Com isso, o autor Swain (1986, p. 02) ressalta que é necessário “assegurar que a língua materna da criança é adequadamente desenvolvida antes de se preocupar com o progresso em segunda língua”. É primordial desenvolver todos os aspectos comunicativos como falar e entender, ler e escrever primeiro na primeira língua antes que estes possam ser desenvolvidos na segunda ou terceira língua estudada.

Com isso, realizamos a 3ª pergunta aberta aos investigados: Quais foram os motivos que levaram o povo kaixana a perder sua identidade linguística para a língua geral?

Todos os 15 (quinze) participantes da pesquisa apresentaram argumentos similares como: “*Devido os índios Kaixana foram massacrados e até mortos por não se renderem aos invasores*”; “*Quando chegaram os missionários no território Kaixana, eles pegaram alguns índios e esses índios passaram a utilizar também a língua geral uma variação regional Tupi Guarani a completa extinção da língua nativa dos Kaixana*”; “*A falta da valorização dos nossos antepassados e dos nossos anciões que estavam ficando esquecido*”.

O autor Nascimento (2012, p. 69) declara que “as línguas indígenas, importantes no primeiro momento da evangelização-para-colonização, deveriam servir apenas como meio para a dominação e deveriam, posteriormente, serem substituídas pela língua portuguesa”. Nesse período, o uso da língua nativa foi proibido, tornando o português obrigatório em toda a colônia, o que fez com que os índios deixassem a sua identidade linguística em segundo plano.

Na sequência, realizamos a 4ª pergunta aberta do questionário direcionado aos participantes: Quais são as tradições culturais que são mantidas apesar de o povo não ter um local específico demarcado?

De acordo com as respostas similares dos participantes, as tradições culturais mantidas são: “*Dança Kaixana*”; “*A dança cultural, a música, bebidas e comidas típicas*”; “*A dança tradicional, caça, pesca, comidas típicas e músicas tradicionais*”; “*A nossa dança cultural, a música, bebidas e comidas típicas, caça, pesca e colheita de frutas*”; “*A dança tradicional, mesmo a terra não sendo demarcada a dança é a vida e cultura para o povo*”.

Com isso, Kruppa (1994, p. 32) argumenta que “para compreender a escola e seu resultado é preciso recorrer ao sentido amplo da palavra cultura, isto é, o conjunto de

costumes, dos modos de viver, de vestir, de morar [...]”. A cultura reflete o modo de vida de um povo desde as mais básicas formas como as maneiras de pensar, as expressões de linguagem, os valores de um povo ou diferentes grupos sociais.

Posteriormente, inquerimos a 5ª pergunta aberta aos participantes: Por que é importante a presença de professor bilíngue na sala de aula?

Torna-se válido ressaltar que as respostas de todos os inquiridos seguiram o mesmo padrão, sendo possível agrupá-las e analisá-las assim: *“É importante porque traz cultura, vida, respeito, conhecemos que somos sobrevivência dos nossos antepassados que é o linguaja”*; *“Para valorização da nossa língua, ciência e cultura de nosso povo”*; *“A importância do professor bilíngue em sala de aula é que ele ensina na língua e nossa cultura”*; *“Para o resgate de nossa língua, tradição e de tudo aquilo que estava perdido e já estava quase esquecido por não ter com quem falar.*

O professor exerce uma função primordial em sala de aula transmitindo conhecimento aos alunos. Nessa perspectiva, o autor destaca que “[...] é importante que o professor consiga transitar entre a pedagogia da Educação Escolar Indígena e a pedagogia da educação indígena” (GODOY, 2011, p. 21). Dessa forma, é perceptível como eles podem fazer conexões entre a sala de aula e a educação indígena, se a escola é concreta, ela consegue aproximar os alunos de suas próprias comunidades.

Na sequência, realizamos a 6ª pergunta aberta aos participantes: Escreva 08 palavras que compõem o léxico de sua língua materna e sua significação.

Diversos participantes da pesquisa responderam palavras similares, de modo que, houve pouca variação de palavras nas mesmas: *“Tuiué- velho, Sapucaia- galinha, Paia- pai, Puku-comprido, Tapira- anta, Bacoba- banana e Pirá- peixe”*; *“Tobo- casa velha, Tapixabavassoura, Puxiuera- feia, Itaquí- esmeril, Kicê- faca, Baqui- passarinho e Pirá- peixe”*; *“Kicê- faca, Auy- farinha, Puru- comprido, Tapira- anta, Urupema- peneira e Baqui- passarinho”*; *“Aua- cabelo- Buía- cobra, Iana- comer, Iandu- aranha, Anama- família, Ará- dia, Aria- avó, Iaxiusaua- choro”*, foram as respostas dadas pelos participantes.

É válido ressaltar que o conhecimento linguístico pressupõe um domínio da gramática e do léxico da língua. Segundo Terra (2019, p.174), “o léxico é um conjunto aberto”, por isso é importante ensinar às crianças dos povos interessados a ler e escrever na sua própria língua indígena para que elas possam crescer inseridas na cultura de seu povo.

Da mesma maneira, fizemos a 7ª pergunta do questionário fechado aos participantes: A educação indígena está sendo específica, intercultural e bilíngue no ambiente educacional?

As opções foram “Sim” e “Não”. Do total de 15 participantes da pesquisa, 14 responderam que “sim”, que a educação indígena está sendo específica, intercultural e bilíngue no ambiente educacional, enquanto 01 participante respondeu que “não”. Ele acha que a educação indígena não está sendo específica no ambiente educacional.

Segundo Grupioni (2008, p. 49), “a escola pode contribuir para que os grupos indígenas valorizem suas práticas culturais e mantenham suas identidades diferenciadas[...].A escola permite que o aluno adquira acesso a diversificadas culturas, assim como permite um conhecimento mais aprofundado da sua própria cultura e exploração da língua materna, do mesmo modo que o professor com formação na área indígena permite a inserção da cultura no ambiente escolar.

Para finalizar, inquirimos a 8ª e última questão fechada aos participantes da pesquisa de campo: Selecione a(s) língua (s) que você usa nas interações diárias. As opções foram “Língua Portuguesa” e “Língua Kaixana”. Referente ao questionamento realizado, destacamos que 14 participantes disseram que utilizam a língua portuguesa nas interações diárias, seja para conversar com os familiares e até mesmo com os colegas, enquanto apenas 01 participante afirmou que utiliza a Língua Kaixana em interações diárias.

Ressaltamos que “o conhecimento da língua portuguesa permite que as populações indígenas conheçam o funcionamento da sociedade envolvente e, ainda, que elas tenham acesso a informações [...]” (BRASIL/MEC, 1998, p. 121). O referencial justifica o aprendizado do português para que diferentes povos indígenas possam interagir e afirmar coletivamente o que os une em sua luta por direitos, dando assim mais uma razão para ensinar português nas escolas indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, enfatizamos que o objetivo geral consistiu na investigação de uma abordagem etnográfica. Através de estudo exploratório, descobrimos que os índios perderam sua identidade linguística para a língua geral imposta pelos missionários.

Além disso, ressaltamos que todos os objetivos específicos foram alcançados e respondidos através das hipóteses confirmadas. A primeira é se o povo kaixana perdeu sua identidade linguística. Esse povo perdeu sua identidade linguística para a língua geral, imposta pelos missionários aos índios. A segunda é se o povo de etnia Kaixana ainda mantém

suas tradições culturais. Confirmamos que as tradições culturais ainda são preservadas pelos indígenas.

A terceira é se a educação indígena está sendo específica, intercultural e bilíngue no ambiente educacional. Também confirmamos essa hipótese tendo como base os dados da pesquisa, inclusive, salientamos que os alunos estudam com um professor bilíngue, justamente, para manter preservada a língua materna. Por último, a quarta hipótese é se ainda existe um léxico que não foi esquecido por eles. Tal hipótese revela que os Kaixanas ainda preservam um léxico raro praticado em seu habitat natural, mas na realidade, eles também falam a língua portuguesa nas práticas sociais dentro e fora de sua comunidade.

Desse modo, salientamos que através da educação indígena são transmitidos os saberes de uma geração para outra, por isso é essencial à preservação da cultura e identidade de um povo, para que ele não perca sua língua como a dos povos Kaixanas que falavam Nheengatu, como língua materna, e gradativamente foram perdendo-a. Sugerimos que a escola assuma uma postura mais crítica sobre o assunto para que o ensino seja diferenciado historicamente. Já em relação aos alunos, esses devem se unir para preservação do léxico e disseminação da cultura indígena que precisa ser escrita por seus descendentes visando à manutenção do legado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. MEC/SEF, Brasília, 1998.

CARVALHO, Orlanio dos Santos. **Comunidade Indígena Mapí. Escola Municipal Indígena Profº João Hamilton**. s. l. (sem local), s.d.

CAVALCANTE, Lucíola Inês de Pessoa. **Formação de professores na perspectiva do movimento dos professores indígenas da Amazônia**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro n.22. p.14-24, jan./fevereiro/mar./abr.(2003). Disponível em <<http://www.scielo.br/PDF/rbedu/n22/n22a03.pdf>>. Acesso em 15 de novembro de 2008.

_____. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradição. Bruno Magno. Porto Alegre: Artemed, 2000.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **A questão da educação indígena no 10º COLE**. In: D'ANGELIS, Wilmar R.; VEIGA, Juracilda (Orgs.). **Leitura e Escrita em Escolas Indígenas: encontro de educação indígena no 10º COLE-1995**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 1997.

GODOY, Onérino. **Okára: uma noção de espaço entre as famílias guarani e kaiowá na aldeia Guaimbépery-MS**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2011.

GRUPIONI, Luís Donisete. **Olhar Longe, Porque o Futuro é Longe Cultura, Escola e Professores Indígenas no Brasil**. Tese de doutorado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008.

[https://www.bing.com/search?q=educa%
KRUPPA, Sonia M. Portella. **Sociologia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.](https://www.bing.com/search?q=educa%c3%a7%c3%a3o+bilingue+indigenas&q=N)

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 20.ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os indígenas no Brasil hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/MUSEU Nacional, 2006.

MOORE, Denny; STORTO, Luciana. **As línguas Indígenas e a Pré-História**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

MOSELEY, Christopher. **Atlas of the World's Languages in Danger**. Paris: Unesco. p. 174 e 175. 222 páginas. ISBN 9789231040962, 2010.

NASCIMENTO, André Marques. **Português Intercultural: fundamentos para a educação linguística de professores e professoras indígena em formação superior específica numa licenciatura intercultural**. Tese de doutorado (Doutorado em letras e linguística) –Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2012.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
PATRIOTA, Luciene Maria. **A gíria comum na interação em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Nova Hamburgo; Feevale, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tef%C3%A9>. Acesso: 24/07/2022

Site: Mapa de Tefé - Amazonas - Guiamapa.com. Acesso: 24/07/2022

Site: Tefé – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso: 24/07/2022

Site:<https://www.achetudoeregiao.com.br/am/tefe/localizacao.htm>. Acesso: 24/07/2022

SORENSEN Jr. A. P (1967). **Multilingualism in the Northwest American Anthropologist** 69: 670 – 332.

SWAIN, Marrill. **Bilinguismo sem lágrimas** (cap. 6 do livro vilingualism in education: aspects

of theory, reserch and practice, de Jim Cummins e Marrill Swain. Lodres: Logman, 1986).
Tradução: Wilmar Rocha D'Angelis, 8pp.

TERRA, Ernani. **Práticas de leitura e escrita**. São Paulo. Saraiva Educação, 2019.

WHITE, N. **Genes, Languagens and Landscapes**. *In*: McConvell P. & Evans N. (Eds.),
Archeology and Linguistics; Aboriginal Australia in Global Pespective. Oxford University
Press, Oxford, 1997.